



Contrastes entre as imagens do Jornal Nacional e as independentes: diversidade informativa nos protestos iniciais das Jornadas de Junho

Contrasts between the images in Jornal Nacional and independent ones: informational diversity in initial protests of the June Protests in Brazil

Joana Ziller*

RESUMO

Trata da contraposição entre as informações imagéticas veiculadas pelo Jornal Nacional (JN) da Rede Globo, de 6 a 18 de junho, e o contraponto feito por parte daquelas que circularam em mídias sociais e serviços de redes sociais no mesmo período, marcado por protestos iniciais das Jornadas de Junho em São Paulo. Parte da análise semiótica do conjunto de imagens veiculadas pelo JN, contrapostas a registros videográficos de indivíduos e grupos independentes. Conclui que a diversidade de fontes e pontos de vista desses registros evidencia uma possibilidade de maior riqueza informativa, o que traz à tona a parcialidade da informação imagética do JN.

Palavras-chave: Jornadas de Junho, informação imagética, Jornal Nacional, São Paulo, vídeos na Internet.

ABSTRACT

The article discusses the counterpoints between imagetic information conveyed by the *Jornal Nacional* (main news program in Brazil) – JN, on the Globo TV Network, from June 6th to 18th, and a portion of that circulated in social media and social networking services (SNS) in the same period, which was marked by initial protests of the June Protests (*Jornadas de Junho*) in São Paulo. Part of the semiotic analysis of the set of images broadcast by JN is contrasted with the videographic records of individuals and independent groups. It is concluded that the diversity of sources and points of view of these records represents a possibility of greater informational richness, showing how biased the JN imagetic information can be.

Keywords: *Jornadas de Junho* (June Demonstrations), imagetic information, *Jornal Nacional*, São Paulo, videos on the Internet.

INTRODUÇÃO

As informações imagéticas que compuseram a cobertura do Jornal Nacional (JN) a respeito de alguns dos primeiros protestos do que se convencionou chamar Jornadas de Junho mostram quase que exclusivamente atos de violência de manifestantes e uma resposta cautelosa, pacificadora, da polícia. No mesmo período em que tais imagens foram ao ar no JN, circularam amplamente nas mídias sociais e serviços de

*Doutora em Ciência da Informação. Departamento de Comunicação Social - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Endereço: Av. Antônio Carlos, 6627 – DCS/Fafich Pampulha, 31275-013, Belo Horizonte – MG. Telefone: (31) 9104-8083. E-mail: joana.ziller@gmail.com

redes sociais¹ (SRS) vídeos que registraram uma ampla gama de outros pontos de vista: desde aqueles similares aos exibidos pela Rede Globo até os que exibem uma atuação agressiva da polícia, de desmedida e imotivada violência contra manifestantes em sua maioria pacíficos. É à possibilidade de estabelecimento desse contraste de pontos de vista e a algumas de suas consequências que se volta este artigo.

Para entender o tipo de informação imagética que a Rede Globo de Televisão levou ao ar, partimos de uma descrição e breve análise semiótica das imagens veiculadas na cobertura do jornal de maior audiência da emissora no período de 6 a 18 de junho de 2013. Ao contrário do discurso verbal de neutralidade, as imagens, como veremos, insistem em mostrar os protestos como atos de destruição da cidade, frente a uma polícia que apenas reage, como que buscando a proteção do bem público.

Até então, nada de novo. Evidente, por exemplo, já na ausência de cobertura nas manifestações pelas Diretas Já (Kucinski, 2002; Azevedo, 2006), a postura de assumir um lado e silenciar (ou invisibilizar) o que quer que venha de outro, mantendo um discurso de pretensa neutralidade, ainda que retrate de maneira uniforme uma realidade que é diversa, é comum à cobertura da Rede Globo. O que há de novo em relação às informações imagéticas da emissora de TV nos protestos de 2013 é exatamente a possibilidade de compará-las a registros variados, a pontos de vista muito mais diversificados do que os de veículos da mídia – e tal diversidade se reflete em vídeos que confirmam seus pontos de vista, em outros que os contradizem amplamente ou que apenas caminham em direções diversas da sua cobertura, abordando outras temáticas, por exemplo.

Tais registros de outras fontes, digitalmente distribuídos, circularam em âmbito nacional e internacional, concomitantemente às coberturas da imprensa tradicional. É a diversidade de vozes e pontos de vista de movimentos sociais, pessoas comuns presentes ao protesto, outras instituições e novos agrupamentos em formas pouco tradicionais que ressalta o unísono parcial da cobertura do JN. E são as informações publicadas por tais grupos e sujeitos, frequentemente de reputação desconhecida, que destacam a parcialidade da cobertura desse veículo – e de muitas outras da mídia tradicional brasileira, não abordadas aqui.

Este artigo parte da premissa de que cada informação, seja ela imagética ou não, veiculada na mídia tradicional, nas mídias sociais e nos SRS, representa uma escolha do que se quer abordar. Uma passeata é composta por uma enorme diversidade de fatos e apenas uma pequena quantidade encontra lugar nos diversos veículos da mídia (seja por falta de tempo/espaço, pela escassez de pessoal encarregado por sua cobertura ou por diversos outros fatores) ou na cobertura de cada pessoa, grupo ou instituição não tradicionalmente midiática.

A discussão apresentada também se baseia na separação entre as informações veiculadas sonora e visualmente. Em uma cobertura audiovisual, é possível explorar como fontes de informação o texto verbal, a ambiência sonora e as imagens – que, em telejornais, além dos apresentadores, repórteres e entrevistados, frequentemente se dividem naquelas registradas diretamente nos eventos

¹ A denominação mais comumente utilizada é sites de redes sociais (RECUERO, 2009), mas optamos por ampliar a nomenclatura de “sites” para “serviços” de redes sociais, dada a disseminação de aplicativos para tablets e celulares que dispensam o acesso direto ao sites de redes sociais. Assim, mantém-se o serviço, mas o site passa a ser uma das formas de acessá-lo.

abordados e naquelas elaboradas para contextualização, como infográficos, mapas, pequenos textos exibidos na tela etc.

Esta análise volta-se apenas, no que tange ao JN, a informações componentes das imagens dos protestos, no período destacado, praticamente todas elas registradas nas ruas. Os textos que as acompanharam não serão abordados, sejam aqueles narrados por repórteres e apresentadores, sejam os de entrevistas. Da mesma maneira, a ambiência sonora não foi considerada.

Quanto aos vídeos sobre as mesmas manifestações que circularam em mídias sociais e SRS, é preciso levar em conta sua ampla diversidade, replicabilidade e o nem sempre alto índice de visualizações individuais de cada vídeo. Para se ter uma ideia, uma busca inicial no YouTube retorna 3.480 vídeos para os termos “revolta do vinagre”² (Youtube, 2014). Suas origens são diversas: pessoas e grupos; daqueles presentes aos protestos, aos que fazem crítica, arte e humor³ sobre os fatos, buscam contextualizá-los, entre outros. Os pontos de vista também variam, desde aqueles semelhantes aos da mídia tradicional aos radicalmente opostos.

Nesse sentido, tais vídeos são capazes de apreender uma quantidade de informação muito superior às coberturas audiovisuais tradicionais. Ao mesmo tempo, pela diferença entre os pontos de vista explicitados, são mais capazes de exibir a diversidade de demandas e formas de agir inerentes à aglomeração de milhares de pessoas, que a mídia tradicional busca uniformizar.

Não se trata de uma visão romântica: as mesmas plataformas (em geral, mídias sociais e SRS) usadas para divulgação de informações não abordadas por veículos da grande mídia a respeito dos protestos serviram a grupos que semeavam boatos e disseminavam mentiras – nesse sentido, é ainda preciso analisar como se formou a credibilidade das informações publicadas por movimentos, grupos, instituições e pessoas, tarefa a que este artigo não se propõe. Também o JN, que teve sua cobertura abordada aqui, mantém perfis nos principais SRS. Não é, portanto, o fato de estarem fora de veículos/formatos tradicionais o que contrapõe tais vozes à cobertura publicada por eles, visto que, em SRS como Facebook e Twitter, o perfil do JN tem espaço semelhante aos dos movimentos, pessoas, instituições e grupos a que nos referimos, com a vantagem de ter um grande número de seguidores, em parte pela herança de uma relação de credibilidade construída no *mainstream* televisivo⁴.

Mas a multiplicidade de pontos de vista, técnicas e abordagens que compõem as informações encontradas nas mídias sociais e SRS altera, ao menos parcialmente, a percepção das informações veiculadas pela mídia tradicional e, ao cabo, a percepção dos próprios veículos de mídia, haja vista a reação de parte dos manifestantes à

² Trataremos do termo adiante, ao fazer uma breve cronologia dos protestos.

³ Exemplos em <http://youtu.be/oqAOz47xRAE>, <http://youtu.be/ugug7QeoBEA> e <http://youtu.be/LmcLqIFk6Ac>

⁴ Para se ter uma ideia do alcance das contas de SRS relacionadas ao JN, o perfil oficial do apresentador e editor do jornal, William Bonner, no Twitter (@realwbonner) tem mais de cinco milhões de pessoas relacionada (ou seguidores, no jargão do site), quantidade pouco inferior ao Twitter da própria Rede Globo (@rede_globo); a página no Facebook do Jornal Nacional tem mais de 3 milhões de pessoas relacionadas (ou curtidas). O perfil de William Bonner ocupa a posição número 214 entre aqueles com mais seguidores no Twitter (TWITAHOLIC, 2014).

presença de repórteres nos diversos protestos das Jornadas de Junho – houve vaias⁵, depredação de carros de reportagem⁶ e os jornalistas passaram a sair às ruas sem que o microfone apresentasse a marca da emissora a que pertencem⁷.

Assim, como dito, a análise semiótica aqui apresentada e a remissão a contrapontos à abordagem imagética do JN procuram jogar luzes sobre questões relativas a informações veiculadas na cobertura do Jornal Nacional, sua escolha e a diferença em relação a alguns elementos presentes apenas nas informações circulantes em outros canais. Vale novamente ressaltar que os vídeos publicados por pessoas, instituições e grupos alheios à atividade midiática não formam uníssono: pelo contrário, partem de pontos de vista um tanto variados, sendo tal multiplicidade sua maior riqueza. A contraposição aos vídeos do JN, portanto, está relacionada ao tensionamento decorrente da possibilidade de visibilidade nas redes de pontos de vista invisíveis na grande mídia.

METODOLOGIA

Tratar da cobertura das manifestações, especialmente em um artigo, exige um recorte difícil, tendo em vista que análises sobre sua dinâmica apontam relações entre os diversos protestos ocorridos no Brasil e deles com outros, por exemplo, da Primavera Árabe (CASTELLS, 2013; HARVEY *et al.*, 2012). Além de nos restringirmos ao JN, optamos por um recorte temporal que, ainda que seja mais longo do que o usual para este tipo de trabalho, permite mostrar oscilações na cobertura: o período de 06 a 18 de junho engloba os cinco primeiros grandes protestos ocorridos em São Paulo em 2013.

Cronologia

Para que se entenda um pouco melhor a delimitação da análise, cabe uma breve cronologia⁸ das primeiras manifestações. Nos dias 06 e 07 de junho, o Movimento Passe Livre convidou⁹ moradores de São Paulo a irem às ruas protestar contra o anunciado aumento das passagens de ônibus, de R\$ 3,00 para R\$ 3,20, sob o lema *Se a Tarifa não Baixar, São Paulo vai Parar*. As manifestações reuniram uma quantidade de pessoas suficiente para fechar grandes avenidas de São Paulo, como a Av. Nove de

⁵ Vídeo em que repórter da Rede Globo não consegue gravar por causa das vaias ininterruptas está em <http://www.youtube.com/watch?v=IRLBvc7bmpw>. Em outro registro, Caco Barcellos é vaiado ao tentar gravar para o Profissão Repórter: http://www.youtube.com/watch?v=kjqE3e_3Tyc

⁶ Vídeos veiculados na TV mostram destruição de carros da Record e do SBT: <http://www.youtube.com/watch?v=sRAG6PjNnw> e <http://www.youtube.com/watch?v=z5B8yyojM2c>

⁷ Vídeo exibido no JN mostra vários repórteres de rua carregando microfones sem a maca da Rede Globo: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/multidao-ocupa-largo-da-batata-sp-em-manifestacao-sem-confronto.html>

⁸ Fontes: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/ato-contr-aumento-dos-transportes-reune-manifestantes-no-centro-de-sp.html>, <http://noticias.r7.com/sao-paulo/contr-aumento-de-passagem-grupo-monta-barricadas-e-fecha-avenida-nove-de-julho-em-sao-paulo-06062013>, <http://tarifazero.org/mpl>, http://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Brasil_em_2013_-_Primeira_fase; <https://www.facebook.com/passelivresp>

⁹ Postagens disponíveis em <https://www.facebook.com/passelivresp> e vídeo <http://youtu.be/cqS2zCuT57M>

Julho e a Av. Vinte e Três de maio. Sem acordo com as instâncias governamentais, novas manifestações foram marcadas para os dias 11 e 13 de junho.

Ainda que já houvesse registros de abusos e violência policial circulando por mídias sociais¹⁰ e SRS¹¹ antes do dia 13 de junho, a divulgação de relatos sobre uma atuação desproporcional da Polícia Militar de SP ganhou em escala nessa data, que ficou conhecida como a Revolta da Salada¹², tendo em vista que muitas pessoas foram detidas pela polícia por carregarem vinagre¹³ - vale dizer que, ainda que não se conheçam formas de usá-lo para agredir alguém, o vinagre é utilizado para combater os efeitos do gás lacrimogênio e foi adotado por manifestantes e jornalistas durante os protestos.

Nessa data, o fato de jornalistas terem sido detidos e agredidos fisicamente pela polícia, que chegou a atirar balas de borracha em grupos de repórteres que se identificaram como tal¹⁴, levou a questão dos excessos policiais para veículos da grande mídia tradicional, inclusive ao JN¹⁵.

O sábado 15 de junho marca o início da Copa das Confederações no Brasil e a ampliação de atos de protestos em todo o país. Se, desde seu começo, já havia outras demandas nas manifestações além do cancelamento do aumento da tarifa de ônibus, com o desenrolar do evento da Fifa pautas muito diversas ganharam visibilidade nos atos – nos cartazes empunhados pelos manifestantes, há desde referências à corrupção até demandas por qualidade na saúde e na educação, pela laicidade do estado, protestos contra o projeto de lei denominado estatuto do nascituro e o autoritarismo da Fifa, entre muitos outros¹⁶.

Em São Paulo, a quinta manifestação foi marcada para o dia 17 de junho, após o reconhecimento de algumas instâncias do Estado de que a polícia teria agido com força excessiva no dia 13 de junho e a busca por acordos com os manifestantes que levassem a uma condução pacífica do ato. As manifestações continuaram por todo o mês de junho e, mesmo com o fim da Copa das Confederações, seguiram acontecendo em algumas cidades, caso dos protestos ocorridos em julho, no Rio de Janeiro, incentivados pelos gastos com a visita do Papa Francisco ao país, como parte da Jornada Mundial da Juventude.

¹⁰ Exemplos: <http://youtu.be/A8pgjuF4xmA>; <https://www.youtube.com/watch?v=FpKsR8xwpTY>

¹¹ <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=527247917331464&set=a.527247837331472.1073741829.176309402425319&type=3&theater>

¹² A página na Wikipedia que fazia referência à nomenclatura foi subsumida pelo verbete Protestos no Brasil em 2013, mas seu registro está em <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/apos-protestos-em-sp-revolta-da-salada-ganha-pagina-no-wikipedia,2a53f4609534f310VgnVCM10000098cceboaRCRD.html>

¹³ Vídeo mostra repórter da revista Carta Capital sendo detido apenas por portar uma garrafa de vinagre: <http://www.cartacapital.com.br/tv/especiais/reporter-de-cartacapital-e-detido-por-portar-vinagre>

¹⁴ <http://youtu.be/TvtmaL3rSLI>

¹⁵ Vídeo mostra repórter da Folha de S. Paulo logo após ser atingida por bala de borracha: <http://youtu.be/VCmYWWYMERl>; repórter do portal G1, das Organizações Globo, também foi atingido: http://youtu.be/wt6_QSfj3T4

¹⁶ Álbuns de fotos dos cartazes: <http://cartazesdosprotestos.tumblr.com/>, <http://esportes.terra.com.br/espanha/copa-das-manifestacoes-veja-os-melhores-cartazes-de-protesto-nos-estadios,d182e2cfb877f310VgnVCM3000009acceboaRCRD.html>, <http://www.naosalvo.com.br/os-top-23-melhores-cartazes-das-manifestacoes-parte-2/>, <http://g1.globo.com/brasil/cartazes-das-manifestacoes/platb/>

Corpus

Baseado na breve cronologia apresentada, nosso *corpus* de análise tem início no dia 06 de julho, mesma data da primeira grande manifestação em São Paulo, e vai até 18 de julho, um dia após o quinto protesto. Esperamos que fique clara, após o desenvolvimento da análise, a relevância de englobar tantas coberturas, tendo em vista uma mudança de postura temporária sobre a qual pretendemos jogar luzes.

Nosso corpus compreende sete edições do Jornal Nacional (JN), veiculadas nos dias 06, 07, 12, 13, 14, 17 e 18 de junho. Foram selecionadas todas as edições do JN que fazem referência direta à participação dos manifestantes ou da Polícia nos cinco grandes protestos em São Paulo. A delimitação geográfica se deve à rápida ampliação das manifestações e à visível mudança temporária de postura do Jornal Nacional em relação à escolha das informações imagéticas veiculadas.

Vale dizer, por fim, que todo o material foi recolhido no site do Jornal Nacional – portanto, alguns vídeos incluem matérias que foram apresentadas separadamente no JN. A relação dos endereços está no *Apêndice*.

É importante notar ainda que se pretende uma análise mais ampla do universo de vídeos citados como contraponto, recolhidos de mídias sociais e SRS. Exatamente por sua já referida grande quantidade, procurou-se muito mais ilustrar os pontos de vista opostos ao do exibido nas imagens do JN do que buscar a representatividade de um ou outro vídeo – inclusive porque a maioria dos vídeos tem um número de visualizações bastante inferior ao público do JN, por exemplo, estando sua representatividade muito mais no conjunto circulante do que em um ou outro vídeo especificamente. Por outro lado, não incluímos no texto vídeos que corroboram o ponto de vista do JN ou aqueles que, relacionados aos protestos, tratam de outros temas não diretamente ligados à cobertura imagética do JN – ainda que tais registros componham o conjunto de imagens circulantes em mídias sociais e sites de redes sociais sobre as manifestações, nosso objetivo aqui é de exibir a emergência da possibilidade de dissenso (RANCIÈRE, 2005), valorizar o contraste de pontos de vista publicamente explicitados.

FOGO, PICHAÇÃO E QUEBRADEIRA

A fim de basear a análise que se segue, começamos por descrever, da maneira mais resumida possível, as imagens veiculadas no JN. Nossa discussão começa com a cobertura da primeira manifestação, que foi ao ar no dia 06 de junho. Já nas imagens de abertura, feitas de um helicóptero, 14 viaturas da polícia acompanham devagar, com as luzes acesas, alguns poucos manifestantes. Seguem-se imagens de fogo em uma avenida; uma manifestação chegando a uma avenida, reunida atrás de uma faixa; pessoas interditando o trânsito, sentadas no asfalto e batendo palmas; manifestantes explodindo uma bomba e um rojão no meio da avenida. Corta para a polícia *respondendo* com bombas de gás e alguns manifestantes correndo. A seguir, lixo queimado no asfalto. Na segunda parte da matéria, apresentada na mesma edição do jornal, as imagens mostram uma avenida sem trânsito, mas com apenas poucas pessoas caminhando; a chegada da polícia, que dispersa os manifestantes; policiais em linha que avançam com escudos e manifestantes que, ao verem de longe a cena, saem correndo; mais grupos sendo dispersados.

As imagens aéreas que abrem a matéria de 07 de junho mostram viaturas da polícia estacionadas lado a lado, com as luzes ligadas. Durante toda a matéria, são intercaladas imagens de manifestantes andando enquanto balançam bandeiras e

outras de lixo queimado em avenidas, vidros quebrados. A polícia acompanha pacificamente os manifestantes, passa por barricadas de lixo queimado, os bombeiros apagam o fogo; aparecem ainda seis policiais contendo um manifestante, sem emprego de violência; aparentemente vinda do lado dos manifestantes, uma bomba explode perto de policiais que caminhavam normalmente. Dentro de um shopping, pichação e um carro depredado, ao que seguem imagens da polícia fazendo policiamento na estrada do estabelecimento. Corta para imagens da manhã seguinte, com tapumes em estações de metrô cobrindo espaço deixado por vidro quebrado, trabalhadores limpando a pichação, mulher em ponto de ônibus com pichação ao fundo. No fim da matéria, ônibus sendo pichados por pessoas de rosto coberto e, depois, carros da polícia em fila lateral com luzes ligadas.

Nesses dias, os dois primeiros das manifestações, a polícia aparece representada por policiais andando calmamente, por carros estacionados de maneira ordenada; passando sobre o fogo deixado por manifestantes; apagando o fogo (no caso dos bombeiros), prendendo alguém sem uso de violência. Apenas uma vez há imagem de um policial atirando com uma arma que se presume ser de balas de borracha, mesmo assim, em uma atitude que parece preventiva, tendo em vista que as poucas pessoas próximas estão tranquilas, caminhando.

Os manifestantes, pelo contrário, são mostrados ora como um grupo que anda pacificamente, ora como protagonistas de destruição da cidade. Imagens de depredação do espaço da cidade e dos ônibus são amplamente exploradas: lixo sendo queimado na rua, cabine da polícia tombada sobre fogo, muitas paredes, ônibus e vidros pichados.

A cidade parece sofrer com a ação dos manifestantes, assim como a polícia, que viu uma *bomba* explodir perto de alguns de seus soldados. Também se vê, próximo a um cordão policial, uma pequena nuvem de gás, mas não é possível identificar se partiu de uma bomba de gás da polícia ou de um rojão, por exemplo, dos manifestantes. Mas não há registro algum de manifestantes que tenham se machucado.

Na matéria exibida no dia 12, referente à manifestação do dia anterior, há imagens que parecem ter sido feitas de perto, por repórter na rua durante o ato. Desde o começo, fica clara a posição geográfica do repórter, que mostra policiais de costas e manifestantes de frente – ou seja, está atrás dos policiais, provavelmente protegido por eles.

Nas imagens em que a polícia atira bombas de gás ou balas de borracha, não se veem os manifestantes. Mas vê-se uma garrafa de vidro, presumivelmente lançada por manifestantes, explodir no chão bem perto dos policiais. As imagens mostram as armas da polícia sendo mantidas nas mãos dos soldados, enquanto lixeiras, pedras e garrafas, apresentadas como armas dos manifestantes, são exibidas atingindo os escudos dos policiais ou passando próximas a eles. Há ainda duas imagens explícitas da agressão a policiais: um deles, machucado por uma pedrada; outro, sendo derrubado de sua motocicleta por manifestantes. No rol da violência policial, apenas uma imagem: um PM derruba um rapaz que passava de bicicleta e o segura antes que atinja completamente o chão. Outro jovem detido é colocado sem violência dentro de camburão.

Seguem-se imagens de consequências das manifestações: ônibus pichados e com vidros quebrados. Dentro de um deles, repórter exhibe uma grande pedra que recolhe no assoalho. Mais imagens de manifestantes pichando ônibus, de agência bancária com vidro pichado, estação do metrô com vidro quebrado, lixeira sendo queimada no

asfalto – em contraponto, policial apaga o fogo com extintor, ainda de capacete. Durante protesto, manifestantes de rosto coberto por tecido andam de skate.

Mais uma vez, as imagens veiculadas no dia 12 mostram a violência como parte da conduta dos manifestantes, que são retratados agredindo os policiais e a cidade, mas não aparecem sendo agredidos. A polícia é novamente representada como ordeira (agindo conjuntamente, em linha) e pacífica, mesmo frente às agressões dos que protestam – de acordo com as imagens, quando dispara, o faz longe da multidão, como se não houvesse a chance de ferir alguém, e em resposta ao comportamento violento do “outro grupo”, sempre exibido primeiro.

Lixeiras queimadas, vidros quebrados, muros e ônibus pichados também aparecem nas matérias do dia 13, que, no entanto, mostram uma pequena variação em relação ao tom dominante até aqui: pela primeira vez, policiais são mostrados atirando gás e balas de borracha em áreas em que estão presentes manifestantes. A matéria com a cobertura das manifestações do dia começa do helicóptero, com imagens de uma multidão de manifestantes entre ônibus parados nas ruas. Corta para manifestantes que tentam falar com a polícia (ou oferecer flores), e saem apressadamente frente à resposta violenta. Cenas de gás perto de carros e ônibus e em rua vazia são seguidas por outras de ônibus com muitas pichações; de tiro de bala de borracha da PM perto de manifestantes e outro, no meio de manifestantes. Um grupo de policiais é mostrado em uma formação que parece ser de combate, em círculo, atirando balas de borracha em manifestantes, que respondem atirando uma lixeira. Depois da imagem de mais uma lixeira queimada, são exibidas várias outras da atuação policial esperada: polícia revistando mochilas, pessoas que foram detidas paradas em linha contra a parede, um jovem que desmaiou é carregado pelos policiais para um camburão (que o áudio diz que vai levá-lo ao hospital). A matéria termina alternando imagens de manifestantes andando entre carros e ônibus parados e outras de gás em avenida vazia e linha de policiais com escudos avançando também em avenida vazia.

No mesmo dia, matéria sobre as pessoas presas durante manifestação mostra um vídeo, gravado do alto de um prédio¹⁷, de policiais agredindo um jornalista¹⁸. E uma última matéria, com balanço da situação da noite até então, exhibe imagens feitas de helicóptero em que linha de policiais com escudos avança por avenida vazia, seguida por camburões e pequeno caminhão pintado de preto. A seguir, imagens de poucas pessoas correndo de bombas de gás e outras, paradas, que são surpreendidas por bomba presumivelmente lançada pela polícia.

As matérias exibidas no dia 13, ainda que mostrem a violência policial, também reiteram as agressões dos manifestantes à cidade, exibindo novamente imagens já veiculadas nos dias anteriores das consequências das manifestações para a cidade.

No dia 14, há uma mudança mais visível de tom. A matéria principal sobre os protestos do dia anterior começa com imagens de pessoas chegando ainda durante o dia e sendo revistadas pela polícia, seguida por outra com uma fila de detidos colocados de frente para a parede. Um rapaz aparece falando algo com os policiais e sendo preso com violência por eles. Parte de vídeo gravado pelo repórter da revista Carta Capital que foi detido por portar vinagre é inserida na matéria. A seguir, várias imagens dos manifestantes: circulando calmamente, passando por barreira policial, sentados em avenida com carros parados em frente a eles.

¹⁷ Por suas características técnicas, o vídeo não parece registrado por um profissional.

¹⁸ <http://youtu.be/043RmwFwero>

Parte de mais um vídeo, dessa vez da TV Estadão, mostra entrevista de um policial com expressão de repreensão. Então, é exibida imagem de grupo de manifestantes recebidos a bala (de borracha) em uma barreira policial. Pessoas correm de bombas – o repórter não está mais atrás da linha policial, mas no meio dos manifestantes, com bombas explodindo perto dele. Há pessoas com e sem máscara.

A polícia aparece atirando bombas e balas de borracha em pessoas próximas e com os braços abaixados, sem que apresentem uma atitude agressiva. Há entrevistas de jovens com expressão assustada, de manifestantes indignados. Em um posto de gasolina, pessoas buscam abrigos contra as bombas e uma mulher chora batendo no vidro de uma loja de conveniências.

Uma bomba de gás lançada perto de ônibus com passageiros, presumivelmente pela polícia, é chutada por manifestantes para longe. Aos três minutos, há imagem de uma manifestante machucada, a primeira exibida entre todas aquelas relacionadas às manifestações. A ela, se segue foto de repórter da Folha de S. Paulo atingida no supercílio por uma bala de borracha, de um manifestante com as costas igualmente atingidas e o vídeo de um repórter do portal G1 também sendo atingido por bala de borracha. Imagens feitas pela PM são inseridas, justo no trecho em que aparecem policiais atirando bombas de gás.

Entre os abusos do outro lado, há imagem de um manifestante que se esconde atrás de ônibus para, com o braço estendido na linha do ombro, atirar um rojão, presumivelmente contra a polícia. Em várias imagens, pessoas ateiaram fogo em lixo. Corta para vidro de prédio quebrado. Imagens de material que a polícia teria encontrado com manifestantes: luvas, máscara de lã e uma mesa com armas, como chave de boca, martelo, faca, corrente com cadeado, bomba de fabricação caseira.

São exibidas imagens de um policial quebrando o vidro da própria viatura, seguidas por nota da polícia justificando o ato. Matéria termina com jovem mulher andando de bicicleta com o rosto coberto por um lenço, como que para se proteger do gás – em rara imagem em que alguém com o rosto coberto não está praticando ato agressivo, mas se protegendo.

A mudança de tom do JN nas matérias do dia 14 de junho reflete uma postura mais ampla de toda a imprensa. Após repórteres terem sido alvo de agressões policiais na noite de 13 de junho, boa parte dos grandes veículos, que mantinham cobertura semelhante à do JN, trataram da violência policial. No Jornal Nacional, a edição foi amplamente voltada a protestos no país, com matérias sobre as manifestações no Rio de Janeiro e Porto Alegre e referências aos atos de Brasília, Manaus, Natal, Sorocaba e Maceió. Mas, ainda que não seja nosso escopo, vale notar que, nas outras cidades, o tom anterior foi mantido, de violência imotivada dos manifestantes contra a cidade e a polícia.

Nas matérias do dia 17¹⁹, houve uma celebração à condução pacífica das manifestações. Muitas imagens de diálogo entre manifestantes e polícia, de pessoas andando pacificamente, de policiais cordiais e desarmados. A representação imagética da calma era vista nas entrevistas de motoristas sorridentes e no trânsito, que voltava a fluir. Um elemento inusitado chama a atenção: nos microfones dos

¹⁹ No mesmo dia, foi veiculada uma rara nota editorial, lida pela apresentadora Patrícia Poeta, que afirmou que “a TV Globo vem fazendo reportagens sobre as manifestações desde o seu início, sem nada esconder: os excessos da polícia, as reivindicações do Movimento Passe Livre, o caráter pacífico dos protestos e, quando houve, depredações e destruição de ônibus (GLOBO, 2013)”.

repórteres no meio das manifestações não há a logomarca da Globo, como se quisessem evitar a identificação por parte de quem estava ao redor.

No dia 18, último de nosso escopo, o Jornal Nacional começa a retomar o tom anteriormente predominante em sua cobertura. As matérias têm início com quase um minuto de imagens de manifestantes pacíficos e da polícia cordata. Há elementos nacionalistas, com pessoas de cara pintada. A matéria seguinte começa com o mesmo tipo de imagem, mas muda de rumo e passa a exibir um grupo menor de manifestantes em frente à prefeitura de São Paulo queimando um boneco com a foto do prefeito Fernando Haddad (do PT) e a logomarca do PSDB, partido do governador Geraldo Alckmin. A seguir, forçam grade de isolamento para alcançar a entrada da prefeitura. Ao chegarem, a utilizam para quebrar os vidros.

Manifestantes são retratados em agressões aos guardas metropolitanos, que tentam fugir para dentro do prédio da prefeitura, mas continuam sendo agredidos por objetos arremessados e chutes. As imagens exibem o que presumivelmente é uma divisão entre os manifestantes, com uma parte estendendo uma bandeira branca em frente à prefeitura; e uma disputa entre dois grupos por uma das grades que fazia o isolamento da manifestação. A matéria ainda mostra imagens de parede pichada, bomba sendo jogada na prefeitura, cabine da PM sendo queimada. Por fim, pessoas andando por avenida.

Uma última matéria exibida nesse dia mostra manifestantes na porta do Palácio dos Bandeirantes, sede do governo do estado de SP. Novamente, a maior parte do tempo é coberto por imagens feitas dentro do Palácio, atrás da linha policial. Repórter do lado de fora registra imagem muito tremida. Corta para pessoas que, agarradas ao portão, o balançam com certa violência. Do lado de dentro, imagem de garrafa vinda de fora que explode ao tocar o chão atrás da linha policial. Seguem-se imagens de pessoas pichando os muros da sede do governo, bombas de gás sendo jogadas pela polícia no portão, ônibus sendo pichados, carros da PM com janelas quebradas. Entrevista mostra homem com a cabeça machucada. Trabalhador pinta parede. Para finalizar, já de manhã, grupo que continua em frente ao portão, com cartazes.

As matérias do dia 18 repetem tendência já apontada no dia anterior: de que é exceção a divulgação de imagens em que também a polícia, e não apenas os manifestantes, é representada como responsável por algum tipo de agressão. E, como no dia 17, os repórteres que cobrem diretamente as manifestações portam microfones sem identificação da Rede Globo.

BREVE ANÁLISE SEMIÓTICA

Ainda que seja possível se deter em cada notícia, em cada imagem, para analisá-las semioticamente, vamos fazê-lo aqui apenas levando em consideração o conjunto. Assim, se olharmos para nossa amostra, temos que ela aponta questões relevantes se analisada sob os caracteres icônico, indicial e simbólico – adotamos aqui as categorias sígnicas de Peirce (1998)²⁰ e é à sua obra que faremos referência.

É preciso ressaltar que ícone, índice e símbolo, como vistos por Peirce (1998), não equivalem a categorias aristotélicas (NÖTH, 2005). Ou seja, elementos simbólicos, icônicos e indiciais podem estar presentes em qualquer representação. Nas

²⁰ Optamos pela notação em formato tradicional, em vez do que normalmente se faz na obra de Peirce, no formato “CP 1.123”, tendo em vista não se tratar de periódico especializado em semiótica.

informações audiovisuais, especialmente aquelas ligadas ao jornalismo, costuma-se ressaltar o caráter icônico, uma vez que a semelhança das representações aos objetos representados é de notável força. Nöth e Santaella (2002) lembram que a ideia de semelhança está presente nas discussões sobre representação desde a escolástica.

Mas as imagens não são apenas icônicas. Ao apontarem para uma realidade alheia a si, também contemplam o caráter indicial. Santaella (2004) ressalta que o índice provoca uma conexão ativa com o objeto. E, por fim, uma vez que seguem regras preexistentes de linguagem, formato e edição, as imagens também contemplam o caráter simbólico. Assim, presumivelmente trazem em si as três categorias.

O caráter icônico do conjunto de imagens analisadas, por exemplo, é fortemente utilizado para reforçar a violência por parte dos manifestantes. Imagens que registram ônibus, vidros e muros pichados, vidros quebrados e lixo queimando sobre o asfalto não deixam dúvidas em quem as vê sobre as agressões à cidade por parte dos que protestam. Tais imagens indicam manifestantes violentos, agressores do patrimônio público. E acabam por se tornar regra: com exceção das matérias do dia 17 de junho, todas as vezes em que os manifestantes são representados há alusão a tais elementos, criando a norma de que os manifestantes quebram, queimam e picham.

A ausência de imagens das manifestações em si na cobertura do JN é outro fator importante a ser analisado. Com raras aparições na maior parte do período focado, os momentos de manifestações em que não há embate com a polícia ou violência contra a cidade apenas são de fato exibidos nas matérias dos dias 17 e 18 de junho. Tal ausência reforça a ideia da violência dos manifestantes: não há contraponto imagético na cobertura do JN à norma acima citada de que os manifestantes quebram, queimam e picham. As imagens dos manifestantes estão amplamente associadas pela Rede Globo a agressões à cidade, não a um componente comum às manifestações: andar pela cidade demandando algo.

Tal posicionamento do JN se contrapõe a alguns dos vídeos que circularam nas mídias sociais, como o chamado *A Verdade – Grande Ato de Protesto contra o Aumento da Tarifa*²¹, de mais de oito minutos, que reúne diversas passagens de manifestações pacíficas.

Já a polícia, na maior parte do conjunto de imagens veiculadas pelo JN, atira e joga bombas para não atingir ninguém, em ruas vazias, como se apenas tentasse prevenir incidentes. A repetição desse tipo de imagem ao longo dos dias analisados reforça o caráter simbólico da instituição policial, responsável por proteger os cidadãos e manter a ordem²². A opção do JN por representar assim a polícia de SP vai ao encontro do que se espera das polícias em todo o mundo.

A veiculação de imagens da violência policial em apenas uma das edições do JN aponta para o caráter excepcional, indicando que houve excessos, mas que eles não são a regra. Assim, mantém-se a representação de uma polícia pacífica e ordeira, mesmo após a exibição de imagens em que pratica atos violentos. Entretanto, vídeos de violência policial pulularam nas mídias sociais e SRS: estão em *Jornalista Pedro Ribeiro Nogueira Sendo Espancado Pela Polícia Protesto Contra Aumento Passagem*²³,

²¹ Disponível em <http://youtu.be/FpKsR8xwpTY>

²² Não estamos afirmando que esse é o papel cumprido pela polícia, mas que essa deveria ser a razão de ser da instituição policial como um todo.

²³ Disponível em <http://youtu.be/FoKuWZcWO8M>

filmado de um andar alto em prédio, assim como em *PMs atiram contra manifestantes que pedem não à violência*²⁴. Já *Pessoas atingidas pela polícia na Rua Augusta - 13_06_2013*²⁵ reúne textos sobre fotos da violência policial; *Manifestação na Paulista - 06.06.2013 - Ato contra o aumento*²⁶ mostra o medo da população frente a uma polícia que segue atirando antes de qualquer possibilidade de agressão; *Polícia ataca a imprensa em ato contra aumento das passagens em SP*²⁷ mostra as imagens, também exploradas pela TV, da polícia agredindo repórteres em trabalho; e, por fim, *manifestação SP - alvejados pela polícia dentro de casa*²⁸ retrata pessoas que assistiam ao protesto da janela de um apartamento e, com a chegada da polícia nas proximidades, passam a ser alvo de bombas de gás lacrimogêneo, que parecem dirigidas ao seu prédio.

Se, nas mídias sociais e SRS, podem ser encontrados vários registros audiovisuais da violência policial, no JN tais imagens são sempre exibidas após as cenas em que a cidade e seus componentes aparecem quebrados, queimados e pichados. Colocadas como uma resposta à violência de manifestante, as imagens da polícia atirando bombas de gás ou balas de borracha dão a ideia de que a violência policial é uma forma de retomada da “necessária ordem”, também componente, no imaginário difundido, do papel da força policial. Ou seja, de acordo com as imagens apresentadas no JN, a polícia, quando precisa usar da violência, o faz sempre provocada por manifestantes, como necessária resposta aos seus atos – ideia relativizada pelos vídeos citados.

Em sua visível parcialidade, o lado mais comumente assumido pelo JN fica claro já no posicionamento geográfico de seus repórteres: se boa parte das matérias traz imagens feitas a partir de um helicóptero, que visualmente sugerem certa isenção, quando em terra, durante os conflitos, é posicionada atrás das linhas policiais que a equipe de repórteres do JN normalmente informa sobre os acontecimentos. A posição física, provavelmente escolhida para proteger os repórteres, contrasta com aquela de vídeos difundidos em mídias sociais e SRS, em que frequentemente as imagens são registradas no meio dos manifestantes – exemplos, além dos já citados *PMs atiram contra manifestantes que pedem não à violência* e *Manifestação na Paulista - 06.06.2013 - Ato contra o aumento*, ainda podem ser vistos em *Protesto contra aumento de passagens acaba em confronto entre PM e manifestantes*²⁹.

Do ponto de vista informativo, estar atrás das linhas policiais propicia uma cobertura do que acontece à polícia e afasta o jornalista dos manifestantes e dos embates na linha de frente. Já os vídeos das pessoas que estavam no meio da manifestação registram a pluralidade de demandas, a diversidade de comportamentos de manifestantes e mesmo de policiais, as palavras de ordem – portanto, carregam um grau informativo mais amplo. Além disso, apontam a existência de muitas outras

²⁴ Disponível em <http://youtu.be/QmolDE2Oyrs>, <http://youtu.be/i4z9YNSnDag> e <http://youtu.be/5pL9B9FBnbo>

²⁵ Disponível em <http://youtu.be/VcMYYWYMERl>

²⁶ Disponível em <http://youtu.be/flrRa7RUHq8>

²⁷ Disponível em <http://youtu.be/ZlDrcDg6fjg>, <http://youtu.be/-iZLteJGEwc> e <http://youtu.be/TvtmaL3rSLI>

²⁸ Disponível em <http://mais.uol.com.br/view/zwuxgmhe6kop/manifestacao-sp-alvejados-pela-policia-dentro-de-casa-04024D1C3170C8A94326?types=A>

²⁹ Disponível em <http://youtu.be/x4OTMjvWZck>

possibilidades informativas que a cobertura do JN deixa de mostrar, atacando frontalmente a credibilidade do jornal.

Outra questão interessante de se olhar é a dos manifestantes de rosto coberto. Não há imagem, no conjunto analisado, de jovens do sexo masculino que tenham coberto o rosto ao entrar em contato com gás lacrimogêneo, para tentar se proteger³⁰. Mas proliferam imagens de pessoas de rosto coberto pichando ônibus. Reforça-se, assim, o caráter indicial dessa imagem no sentido de que se cobre o rosto para proteger a identidade, não as vias respiratórias. Simbolicamente, ganha força a crença, difundida no país desde os tempos da ditadura militar, de que os que vão às ruas demandar direitos buscam, na verdade, pela *baderna* e pelo *vandalismo*³¹. De novo, os vídeos já citados exibem outra realidade, com a maioria dos manifestantes de rosto descoberto.

Assim, ressalta-se um fator novo e muito importante em relação às regras que apoiam e são reafirmadas pela cobertura do JN: elas precisam conviver com outras e podem ser comparadas com informações que vêm à tona na produção de diversos grupos, movimentos, instituições e sujeitos. Ao contrário do que acontecia nas coberturas de grandes eventos anteriores, sua precariedade é fortalecida pela chance de confrontações, de comparação a uma diversidade ampla de pontos de vista, que por si só questiona a posição uniforme do JN.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ser confrontada com relatos escritos e audiovisuais que circulavam em mídias sociais e SRS, a parcialidade informativa do JN se descortina como tal, colocando em questão a credibilidade do jornal como um todo. Pela primeira vez em um evento político de grandes proporções, aquilo que os veículos da grande mídia cobriam e mesmo o que não cobriam estava, em boa parte, registrado por fontes diversas e ampla e publicamente disponível.

As afirmações imagéticas do JN, se comparadas àquelas que circularam em sites como YouTube e Tumblr³² e em perfis do Facebook, desmentem a pretensa busca por neutralidade do jornal e descortinam a uniformidade de seu ponto de vista. Informativamente pobres, uma vez que extremamente repetitivas, as imagens do JN sobre as cinco manifestações ocorridas em SP entre 06 e 17 de junho exibem uma tomada de posição. E são confrontadas pela profusão de narrativas diversas, imagéticas ou não, registradas por movimentos, grupos, instituições e sujeitos que se envolveram em maior ou menor grau nas manifestações e cujos registros exibem uma pluralidade de possibilidades silenciada frente à uniformidade das imagens veiculadas pelo JN.

³⁰ Ainda que, no dia 14, uma jovem mulher apareça andando de bicicleta com o rosto coberto por um lenço, dando a entender que se protegia.

³¹ As palavras *baderna* e *vandalismo* foram muito usadas pela mídia em sua cobertura. Alguns colunistas teceram abordagens interessantes sobre a origem dos termos *baderna* (<http://noticias.terra.com.br/educacao/voce-sabia/quem-inspirou-o-termo-baderna,abo8d8aec67ea310VgnCLD20000obbceboarCRD.html>) e *vândalos* (<http://www.anovademocracia.com.br/no-113/4813-afinal-quem-foram-esses-tais-vandalos>).

³² Nesse sentido, o Tumblr *Feridos no Protesto em São Paulo* traz uma coleção de fotos e relatos de pessoas machucadas durante as manifestações - a maioria delas faz referência à ação policial.

Ainda que se possa questionar o alcance atingido pela circulação de vídeos (e informações em outras linguagens) nas mídias sociais e SRS, tendo em vista que muitos dos aqui citados têm menos de mil visualizações, enquanto a audiência diária do Jornal Nacional é de milhões de pessoas, é importante atentar para alguns fatores. Em primeiro lugar, nas mídias sociais e SRS é muito comum a republicação de vídeos (ZILLER, 2011). Assim, a audiência total de cada vídeo só seria mensurável somando as suas visualizações, o que se torna impraticável dada a diversidade de usuários, títulos e plataformas a partir dos quais seria necessário recuperá-las.

Também é importante levar em conta os múltiplos registros de cada situação. Enquanto no JN há apenas uma edição diária, cada manifestação, de acordo com suas dimensões e crenças, pode ser fonte para dezenas, centenas ou mesmo milhares de registros audiovisuais, boa parte deles compartilhados. Há, assim, nas mídias sociais e SRS, uma fragmentação de público típica da noção de cauda longa (ANDERSON, 2006).

Ainda é preciso pontuar que, se tais vídeos não chegam a todo o público do JN, iniciam ainda assim o processo de colocar em questão a credibilidade do jornal, o que tem profundos efeitos socioinformacionais. Não por acaso, os repórteres da emissora, ao final do período analisado, passaram a fazer as coberturas das manifestações portando microfone sem a logomarca da Rede Globo.

Por fim, é necessário novamente esclarecer que o que procuramos discutir neste artigo não são posições opostas entre os que apoiam os manifestantes e os que são contrários a eles, ou seja, não estamos lidando com uma dicotomia entre vídeos do JN X vídeos publicados nas mídias sociais e SRS. A contraposição e a parcialidade destacadas dizem respeito à exibição de apenas um lado dos acontecimentos pelo JN em oposição a uma multiplicidade de pontos de vista, inclusive físicos, nos registros circulantes na Internet. É essa diversidade que traz à tona a pobreza informativa de se optar por uma cobertura imagética uniforme, quando toda realidade é múltipla.

Artigo recebido em 17/01/2014 e aprovado em 20/03/2014

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, C. **A cauda longa**: do mercado de massas para o mercado de nicho. São Paulo: Campus, 2006. 256 p.
- AZEVEDO, F. A. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião Pública**, Campinas, v.12, n.1, p.88-113, abr./maio 2006.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- GLOBO. **TV Globo faz reportagens sobre manifestações desde o início**. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/tv-globo-faz-reportagens-sobre-manifestacoes-desde-o-inicio.html>>. Acesso em: 1 dez. 2013.
- HARVEY, D. et al. **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo, 2012.
- KUCINSKI, B. Mídia e democracia no Brasil. In: KUNSCH, M. M. G.; FISCHMANN, R. (Org.). **Mídia e tolerância**: a ciência construindo caminhos de liberdade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. p. 39-50.
- NÖTH, W. **Panorama da semiótica**. São Paulo: Annablume, 2005.

NÖTH, W.; SANTAELLA, L. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2001.

PEIRCE, C. S. **Collected papers**. Londres: Thoemmes Continuum, 1998.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Editora 34, 2005. 72 p.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, L. **A teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

TWITAHOLIC. **The Twitaholic.com top 300 twitterholics based on followers**. 2014. Disponível em: <<http://twitaholic.com/top300/followers/>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

YOUTUBE. **Revolta do Vinagre**. 2014. Disponível em: <[http://www.youtube.com/results?search_query="revolta+do+vinagre"&sm=3](http://www.youtube.com/results?search_query=)>. Acesso em: 5 jan. 2014.

ZILLER, Joana. **Qualidade da informação e produsage**: informação, semiótica e o usuário antropofágico. 2011. 312 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

APÊNDICE

URL das matérias analisadas

06-06

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/manifestacao-contr-o-reajuste-nas-passagens-fecha-avenida-paulista.html>

07-06

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/sp-protesto-contr-aumento-de-passagens-causa-nova-confusao.html>

12-06

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/sp-protesto-contr-aumento-no-transporte-da-lugar-ao-vandalismo.html>

13-06

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/manifestantes-voltam-ruas-de-sao-paulo-e-enfrentam-pm.html>

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/governador-e-prefeito-de-sao-paulo-descartam-reduzir-preco-das-passagens.html>

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/avenida-paulista-e-bloqueada-em-novo-protesto-em-sao-paulo.html>

14-06

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/protostos-desta-quinta-sao-marcados-por-excessos-da-policia-e-vandalismo.html>

17-07

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/manifestacao-pacifica-leva-65-mil-pessoas-ruas-de-sao-paulo.html>

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/multidao-ocupa-largo-da-batata-sp-em-manifestacao-sem-confronto.html>

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/tv-globo-faz-reportagens-sobre-manifestacoes-desde-o-inicio.html>

18-07

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/manifestantes-voltam-ruas-do-centro-de-sao-paulo-nesta-terca-18.html>

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/multidao-caminhou-por-seis-horas-em-protesto-na-cidade-de-sao-paulo.html>

<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/grupo-tenta-invadir-sede-do-governo-do-estado-de-sp-apos-passeata.html>